

ARTÍCULOS

MOMENTOS DA TRAJETÓRIA INTELLECTUAL E EDITORIAL DE JACÓ GUINSBURG. UM CAPÍTULO DA IMIGRAÇÃO JUDAICA NA HISTÓRIA CULTURAL DE SÃO PAULO E DO BRASIL¹.

Rosangela Patriota
Universidade Federal de Uberlândia
patriota.ramos@gmail.com

Resumo: Tendo como ponto de partida o tema da imigração, este artigo discutirá alguns aspectos da trajetória de Jacó Guinsburg (J. Guinsburg). Nascido na Bessarábia, em 1921, Guinsburg, ainda menino, chegou ao Brasil com sua família e aqui se fixou. Desenvolveu inúmeras atividades profissionais, mas foi como professor, pesquisador e editor de uma das mais importantes editoras brasileiras – Editora Perspectiva, que se tornou não apenas um capítulo da imigração judaica, mas da História Cultural da cidade de São Paulo e do próprio país.

Palavras-chave: Jacó Guinsburg, imigração judaica, cultura brasileira, história cultural, teatro brasileiro, estética.

Título: MOMENTOS DE LA TRAYECTORIA INTELLECTUAL Y EDITORIAL DE JACÓ GUINSBURG. UN CAPÍTULO DE LA INMIGRACIÓN JUDÍA EN LA HISTORIA CULTURAL DE SÃO PAULO Y DE BRASIL.

Resumen: Tomando como punto de partida el tema de la inmigración, este artículo discutirá algunos aspectos de la trayectoria de Jacó Guinsburg (J. Guinsburg). Nacido en Besarabia, en 1921, Guinsburg, un niño, llegó a Brasil con su familia y se instaló aquí. Desarrolló numerosas actividades profesionales, pero fue como un profesor, investigador y editor de una de las editoriales más importantes de Brasil - Editorial Perspectiva, que se convirtió en no sólo un capítulo de la inmigración judía, pero de la historia cultural de la ciudad de São Paulo y del país mismo.

Palabras clave: Jacó Ginsburg, inmigración judía, cultura brasileña, historia de la cultura, teatro brasileño, estética.

Title: MOMENTS JACÓ GUINSBURG'S INTELLECTUAL AND EDITORIAL TRAJECTORY. A CHAPTER OF JEWISH IMMIGRATION IN THE CULTURAL HISTORY OF SÃO PAULO AND BRASIL.

¹ Este artigo é uma versão retrabalhada do texto apresentado no Segundo Congresso de la Asociación Internacional Areia, ocorrido entre os dias 29, 30 e 31 de outubro de 2012, nas dependências da Universidade Roma III (Itália), cuja temática geral foi *América Latina – Europa: (auto)biografias de emigrantes entre cultura oral, escritura y representación*.

Recibido: 31-05-2013
Aceptado: 15-06-2013

Cómo citar este artículo: PATRIOTA, Rosangela. Momento da trajetória intelectual e editorial de Jacó Guinsburg. Um capítulo da imigração judaica na história cultural de São Paulo e do Brasil. *Naveg@mérica. Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas* [en línea]. 2013, n. 11. Disponible en <<http://revistas.um.es/navegamerica>>. [Consulta: Fecha de consulta]. ISSN 1989-211X.

Abstract: Taking as its starting point the issue of immigration, this article will discuss some aspects of the trajectory of Jacob Ginsburg (J. Ginsburg). Born in Bessarabia, in 1921, Ginsburg, a boy, came to Brazil with his family and settled here. Developed numerous professional activities, but it was as a teacher, researcher and editor of one of the most important Brazilian publishers - Publisher Perspective, which became not only a chapter of Jewish immigration, but the cultural history of the city of São Paulo and the country itself.

Keywords: Jacó Ginsburg, Jewish immigration, Brazilian culture, cultural history, Brazilian theatre, Aesthetics.

Transito pelo mundo com o coração poroso. Atraída pelas ilhas, istmos, continentes, cidades pelo campo. Parto em debandada com o falso pássaro que sou. Como consequência, arfo, penso, vejo, imagino, memorizo, em ordem desigual, pendente dos efeitos da minha condição de mortal. Mas, para criar e amar, submeto-me a atributos nem sempre essenciais.

Sou adepta das aventuras, como se apresentem. Reais, imaginárias, cinematográficas, representadas ou não pelo Indiana Jones ou John Wayne. As peripécias têm o dom de me levar para longe, fazer de mim uma pessoa melhor, mais imaginativa, que sorri à toa. Após cada aventura vivida, lida, ou vista na tela, não volto a casa do jeito com que a deixei. Esta disponibilidade traz-me lucros, vantagens, uma aposta que ganho.

[...] Nos sonhos, sou atrevida, nas decisões, sou cautelosa. Cada definição me pesa, com ela posso ferir os da minha grei. Além do mais, quando o caos da cidade me invade, reajo mal ao vandalismo que predomina em nossos dias. Constato que a vida espalha estilhaços que recolho e com eles componho o mosaico romano que vi em Sagunto, perto de Valencia.

[PIÑON, Nélida. *Coração Andarilho*. Rio de Janeiro: Record, 2009, pp. 211-212].

Este texto, que se propõe a apresentar algumas reflexões acerca da trajetória biográfica e intelectual de Jacó Guinsburg, um dos mais importantes intelectuais brasileiros do século XX, nasceu de um projeto editorial que eu e Guinsburg desenvolvemos juntos: *A Cena em Aula: itinerários de um professor em devir*². Nele, sistematizamos um curso de Estética que fora por ele ministrado, no ano de 1985, e registrado, em fita cassete, por um aluno da disciplina.

Guinsburg, após ser presenteado com esses registros sonoros, providenciou a transcrição dos mesmos. Esta foi feita respeitando o ritmo das falas, os diálogos estabelecidos, bem como os debates que surgiram em decorrência dos mesmos.

Nesse sentido, o nosso trabalho teve como ponto de partida tanto o áudio quanto o material transcrito, que permitiu sistematizarmos as ideias e os diálogos, com o intuito de, por um lado, preservar a prosódia e o ritmo inerentes à oralidade e, de outro, dar-lhe inteligibilidade enquanto texto escrito. Esse material, devidamente retrabalhado, fez com que pudéssemos visualizar a composição do primeiro capítulo. Com o resultado obtido, voltamo-nos para a concepção das demais partes, com o intuito de articulá-las às ideias e às motivações que compuseram as discussões com os discentes. Para isso, mergulhamos em anotações, fichamentos, comentários

² São Paulo: EDUSP, 2009.

críticos que, ao longo dos anos, foram substratos para a preparação das aulas, e elaboramos o segundo capítulo.

Diante do que fora reunido, constatamos que a narrativa evidenciara que o exercício do magistério e a dinâmica das discussões resultavam, principalmente, do interesse e do preparo que nortearam o docente no exercício de seu ofício. Em vista disso, tínhamos um protagonista, o Professor Jacó Guinsburg, e a síntese tão propalada a ser atingida no magistério: o professor pesquisador, isto é, o intelectual capaz de transformar suas inquietações intelectuais em estímulos didático-pedagógicos.

Porém, os dados amealhados trouxeram-nos a ausência de um elemento vital para o diálogo que desejávamos: a recepção por parte dos discentes. Assim sendo, através de alguns depoimentos, que foram redigidos pelos próprios depoentes, importantes aspectos desse processo, atinentes à construção de conhecimento e à relação professor/aluno, foram desvelados.

Com a finalidade de apresentar um consolidado dos resultados obtidos, o último capítulo foi composto por um depoimento de Jacó Guinsburg sobre sua formação profissional e trajetória intelectual. Para isso, fui à casa do Professor Jacó e a partir de algumas ideias básicas, referentes à sua formação, às suas realizações e ao impacto de seu trabalho na vida cultural do país, iniciamos um diálogo no qual a memória do entrevistado foi o fio condutor da narrativa.

Assim, em uma tarde de domingo, do mês de janeiro de 2008, em um período aproximado de quatro horas, pude observar e registrar em um gravador digital a maneira pela qual Guinsburg articulou momentos significativos de sua vida, com o intuito de dar inteligibilidade aos temas que nortearam o nosso encontro.

Este depoimento foi o único colhido diretamente por mim, pois, como já foi anteriormente mencionado, às aulas o acesso indireto, apesar de haver ocorrido o contato com as gravações sem cortes, isto, sem dúvida, propiciou maior abrangência no desenvolvimento do trabalho, em especial pelo fato de que foi por intermédio delas que foi possível compor o cenário no qual os debates acadêmicos ocorreram.

Quanto às demais entrevistas, o contato com as mesmas ocorreu após o material ter sido editado e publicado. Contudo elas nos auxiliaram na percepção do ambiente histórico e cultural de Jacó Guinsburg.

Sob esse prisma, embora tenha conhecido o Professor Guinsburg, em 1989, durante o meu curso de Pós-Graduação e, antes disso, o seu nome possuísse, para mim e para todos que conhecem o catálogo da Editora Perspectiva, uma dimensão simbólica, esse trabalho colocou-me diante de uma evidência, tão cristalina, que soará como óbvia: o privilégio que desfruto em conviver e trabalhar com um dos intelectuais mais instigantes do Brasil contemporâneo, que se vale de uma longa experiência de vida e de uma refinada formação para continuar a ousar e a provocar, seja como escritor, seja como editor. Um homem, cuja obra, ainda em construção – pois está em plena atividade intelectual –, é capital para entender percursos intelectuais e artísticos da cidade de São Paulo e também do Brasil.

A complexidade das relações e das experiências vivenciadas por J. Guinsburg motivaram-me a me debruçar ainda mais sobre momentos de sua trajetória, e este texto está permitindo que uma nova etapa dessa descoberta biográfica e intelectual seja desenvolvida.

Para isso, é preciso recordar que, apesar de brasileiro, pois Jacó chegou ao Brasil com três anos de idade, a sua primeira identidade neste país da América do Sul é a de pertencer a uma família de imigrantes. Retomar esse dado essencial fez com que viessem à minha memória algumas imagens cinematográficas que nos reportam ao tema da imigração. Por exemplo, em *Poderoso Chefão II* (1974, Francis Ford Coppola) na cena em que o navio que traz o jovem Vito Andolini (Don Vito Corleone) para a América, fugido de sua cidade na Sicília, ataca no porto, o espectador ouve a voz do narrador dizendo: *América, a terra das oportunidades*.

Ao reconstruir simbolicamente sensações e expectativas daqueles que aportaram em um novo continente, para a grande maioria, um território ainda inexplorado, ela elaborou uma visão, a princípio, idílica, que, no decorrer da trama, foi transformada pela escassez material e pela organização de grupos que passaram a constituir suas próprias leis e regras de convivência cotidiana. Aliás, esses duros embates e as múltiplas formas de segregação também foram recriadas por outro cineasta norte-americano, também de ascendência italiana, Martin Scorsese, na película *Gangues de Nova York* (2002).

Os dois exemplos citados são apenas ilustrações da força que o tema da imigração tem para o continente americano. Italianos, portugueses, ingleses, espanhóis, alemães, japoneses, russos, libaneses, judeus, entre tantos outros, abandonaram seus países de origem na busca de novas perspectivas de vida.

Dessa feita, se para aqueles que aportaram na América havia, de um lado, um passado que os identificava e os estimulava, de outro, o Novo Continente, a cada nova leva de imigrantes, reconfigurava-se social e culturalmente, em espaços de tensão, conflitos e ressignificações.

Para compreender melhor as escolhas e os caminhos trilhados por J. Guinsburg, cabe situar minimamente a cidade na qual sua família se estabeleceu, porque a sociedade brasileira, a partir de diferentes culturas, organizou-se de forma caleidoscópica nas diversas regiões, isto é, em decorrência da diversidade geográfica e populacional, as cidades desenvolveram suas práticas de sociabilidade ao lado de iniciativas culturais e artísticas.

Sob esse prisma, o tema em discussão nos coloca em sintonia com a cidade de São Paulo que, talvez, seja uma das maiores sínteses do país chamado Brasil. Fundada na contramão e em contrapeso ao cristão-novo João Ramalho, à “taba” de Santo André, em 25 de janeiro de 1554 pelos jesuítas Manoel da Nobrega e José de Anchieta, São Paulo do Piratininga, por seu importante percurso econômico e político, tornou-se fundamental não só para a consolidação do Estado de São Paulo como também para o país e para a América Latina.

No período colonial, devido ao seu território inóspito, acolheu uma população composta por mamelucos, cafuzos e mulatos, oriundos da integração de

portugueses (cristãos novos e cristãos velhos) com indígenas e escravos africanos. No decorrer do século XIX, com a chegada de imigrantes vindos para a lavoura de café, passou a adquirir, a pouco e pouco, novas configurações. Aliás, de acordo com estatísticas do Museu do Imigrante, nessa época, São Paulo recebeu homens e mulheres de mais de sessenta países distintos.

A esses dados, acrescentemos o desenvolvimento industrial, a efervescência do movimento operário, a emergência de segmentos médios e a presença de uma elite cada vez mais sintonizada com debates e com as demandas europeias. Para tanto basta recordar a Greve de 1917 e a Semana de Arte Moderna de 1922.

Apesar desse processo de modernização, em termos políticos, São Paulo continuou a ser uma das pilastros fundamentais do Partido Republicano (PR), por meio da atuação do Partido Republicano Paulista (PRP). Todavia, com os acontecimentos de outubro de 1930, que ficaram conhecidos como Revolução de 1930, os paulistas foram afastados do centro de decisões da nação.

Contra as determinações do governo de Getúlio Vargas, os paulistanos rebelaram-se e desencadearam a Revolução Constitucionalista de 1932, no qual foram derrotados pelas tropas nacionais. Diante disso, paulistas e paulistanos repensaram suas estratégias a fim de evidenciar que, ao invés do uso da força, o Estado deveria ter um projeto de cultura e de poder para o país.

A união de importantes segmentos da elite paulista deu origem à Universidade de São Paulo (USP), em 1934, ao lado de iniciativas que desencadearam a fundação do Museu de Arte, do Teatro Brasileiro de Comédia e da Escola de Arte Dramática, entre outras.

Em nenhum lugar, a urbanização e o crescimento industrial atingiram tal plenitude, o que lhe facultou alçar-se à condição de metrópole. Ao mesmo tempo, diferentes correntes migratórias lhe haviam imprimido um ar cosmopolita; inseridas na dinâmica econômica alteravam a estratificação social, expandindo e diversificando a ocupação do espaço de que resultaram formas renovadas de sociabilidade. Culturalmente, o legado modernista codificara uma tradição que se impôs às gerações posteriores e que puderam afirmar, dado o contexto, a necessidade de relacionamento entre criação e funcionalidade. O experimentalismo vanguardista adquiriu em São Paulo inequívoca ambientação, uma vez que o concretismo na poesia teve na cidade sua expressão mais acabada. O quadro não se fecha sem que se considere a institucionalização da vida universitária que acabou por alterar o estilo da reflexão, assim como a constituição das organizações de cultura, os museus, os teatros, o cinema, conferiram lastro material à divulgação das obras produzidas no exterior, adensando o processo de trocas culturais³.

Nesse ambiente, como se inseriu J. Guinsburg, um menino, nascido em 1921, em Riscani, na Bessarábia (atual Moldávia), que chegou ao Brasil, juntamente com a família, em 1924, em uma imigração de origem Asquenazita (Europa Central), decorrente de questões econômicas, para não mencionar o antissemitismo endêmico naquelas regiões?

³ ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru/SP: EDUSC, 2001, pp. 20-21.

Residindo inicialmente na cidade de Santos, a família Guinsburg transferiu-se para a zona norte da cidade de São Paulo, especificamente para o bairro do Bom Retiro. Mas, o que seria o Bom Retiro na primeira metade do século XX e em especial para os judeus?

Em 1931, lituanos juntaram-se a italianos e judeus no Bom Retiro. Tratava-se de camponeses que foram habitar os porões da rua Prates. Anos depois, transferiram-se para a Vila Zelina. O Bom Retiro de então estava entre os bairros mais populosos da cidade. Em 1940, o interventor federal Adhemar de Barros confinou toda a prostituição da cidade na rua Aimorés. O Bom Retiro se tornou bairro de prostituição, onde reinavam as “polacas”, nome dado às prostitutas judias. Elas tinham sinagoga e cemitério próprios, pois atribuíam má fama aos judeus e sofriam com o preconceito da comunidade. Mas também eram grandes frequentadoras do teatro ídiche musical. As putas adoravam musicais.

[...] A situação dos judeus em São Paulo era muito difícil, não foi simples sobreviver. Ninguém estava esperando por eles com almofadas na mão. Boa parte dos imigrantes chegavam a São Paulo como mascates, que chamávamos de “braço-fixo”, numa alusão a um grande magazine paulistano, na praça do Patriarca, *O Preço Fixo*, e aprendiam a língua nas ruas. Então abriam oficinas de tecelagem, depois lojas. Tinham cooperativas de empréstimos. Daí colocavam os filhos para estudar. Foi assim que meu pai fez. Foi assim que todos os pais fizeram⁴.

A narrativa acima, em alguns aspectos, responde à indagação sobre os motivos que levaram a família Guinsburg para aquela região da cidade de São Paulo. Em primeiro lugar, porque era um bairro que agregava soldados, operários, pequenos funcionários públicos, trabalhadores braçais, além de imigrantes estrangeiros, com grande concentração da comunidade judaica do leste europeu. Acrescente-se a isso: o Bom Retiro, geograficamente, possui uma posição estratégica, perto do centro da capital, onde se localizava o grande comércio varejista. Por isso, ele permitia maior agilidade no trânsito dos mascates em relação ao comércio de rua e aos comerciantes já estabelecidos no local. Esse contato, em muitos casos, propiciou também o escoamento de parte da produção das malharias e das confecções, uma vez que no Bom Retiro existiam inúmeras indústrias têxteis.

Nesse ambiente, em meio às residências familiares, aos estabelecimentos comerciais, industriais, acrescidos da zona boêmia, cresceram os jovens descendentes de judeus, italianos, espanhóis, lituanos e brasileiros que, a partir dos códigos estabelecidos pelo espaço público, criaram espaços de sociabilidade.

Da rua Guarani para baixo, em direção ao Tietê, existiam sapateiros italianos, mascates judeus e pequenos funcionários. Mas o que nos interessava de verdade ali eram os campinhos de futebol de várzea onde havia nascido o Corinthians. Era o lugar onde nos reuníamos. Não passávamos de uns moleques, e a maioria tinha o pé no chão. De calções e suspensórios, nossa única preocupação era jogar bola e fazer traquinagens.

[...]

Na rua Amazonas reuniam-se as troças, que é a gíria da época para os bandos de moleques. Era cada confusão! Nós fazíamos ronqueiras, as armas improvisadas com arame, cano e um pedaço de pau. Primeiro, esculpia-se a madeira de modo

⁴ GUINSBURG, J. Bom Retiro dos anos 30. *Revista de Cultura Judaica*. 2011, vol. IX, n. 30, p. 44.

a parecer um revólver. Depois, pregávamos o cano e, com o arame, fazíamos o gatilho. Como as ruas eram repletas de sobras de munição da revolução de 1924, não faltavam balas não deflagradas. Socava-se a pólvora ou então a espoleta no cano com chumbinhos e pronto: era só caçar os passarinhos!

Algumas dessas armas eram bem toscas, feitas de cano de guarda-chuvas, e vi vários meninos perderem dedos das mãos quando elas explodiam⁵.

A linguagem da rua, as brincadeiras pensadas e levadas à frente com os recursos materiais e criativos disponíveis. O espaço ocupado pela população, a via pública como sinônimo de convivência. Guinsburg, ao rememorar a infância, propicia ao leitor, além de suas próprias experiências, indícios sobre como os meninos elaboravam o seu repertório lúdico e de que a maneira a imaginação constituía-se no elemento primordial daquelas crianças, inclusive marcada pela grande disputa entre corintianos e palmeirenses (em sua maioria, descendentes de italianos).

Jacó, ao lado das deliciosas aventuras que fizeram do bairro do Bom Retiro, um macrocosmo marcado pelas troças, acentuou também, por meio de um dizer bem-humorado, como essa sociabilidade foi uma chave para o conhecimento e o exercício da alteridade.

Num casarão na esquina da rua Amazonas com a rua Guarani, morava dona Romana, uma italiana brava. Com ela, viviam os filhos de seu genro, o assaltante anarquista italiano, Guido Amleto Meneghetti, que estava preso na época. Os filhos de Meneghetti se chamavam Lenine e Espártaco e eram nossos companheiros de troça. Quando os dois saíam bem vestidos na rua, nós brincávamos: “Lá vão Lenine e Espártaco assistir ao julgamento do pai deles!”⁶

A camaradagem, a cumplicidade e a capacidade de rir do outro, um riso libertador, entre iguais, marcado pelas diferenças das histórias de vida e de família, que cada um carregava. Nesse sentido, mesmo que pelos limites, as vivências aproximavam experiências distintas e permitiam que o conhecimento ultrapassasse as fronteiras da própria casa.

Apesar de panorâmicas, as narrativas revelam indícios de uma vivência e de uma ocupação do espaço público, construída no âmbito da vizinhança, enfim pessoas oriundas de diferentes lugares, com hábitos e culturas distintas, criando lugares de compartilhamento e, em decorrência disso, um cotidiano comum.

Porém, as descobertas não se restringiram somente às estripulias infantis das ruas do Bom Retiro, pois, novamente, recorrendo às memórias de infância de Guinsburg vemos a articulação entre o individual e o coletivo, entre o cotidiano e a história e, mais ainda, a forma como os processos se entrelaçam e possibilitam que a percepção, ainda que na invisibilidade, seja transformada.

A avenida Tiradentes era então um limite mais suave do bairro do Bom Retiro, pois ainda não era asfaltada. Entre 1930 e 1932, quando os tenentes tomaram conta, houve o levante. Soldados da Força Pública fizeram trincheiras com macacos (pedras de calçamento). Eu passei o dia do levante de 30 na rua, vendo empastelamento dos jornais. Subi pela Tiradentes e Florêncio de Abreu, até o

⁵ ID., pp. 45-46.

⁶ ID., p. 47.

Largo de São Bento. Na Líbero Badaró, ficavam os jornais. Quando voltava para casa, fumando bitucas de cigarro que pegava na rua, encontrei meu pai no caminho. Que surra eu levei! Eu tinha só nove anos de idade⁷.

Em meio à singularidade, o relato descortina formas pelas quais importantes acontecimentos históricos, como a Revolta Tenentista de 1924 e a Revolução de 1930, foram fixados pelos olhos de uma criança e recriados pela memória do adulto, isto é, os vestígios materiais foram ressignificados pelo universo infantil de um garoto imigrante que, a seu modo, começava a elaborar seus referenciais de cidade e de país, assim como, por meio das recordações, emergia a quebra do cotidiano.

Sob esse prisma, a deposição de Washington Luiz incorporou-se à biografia individual, como sinônimo de barricadas e empastelamentos, e a ela se somou uma surra memorável por haver quebrado as regras do dia a dia. Em termos de memória histórica, o jovem, a despeito do castigo recebido, tornara-se espectador privilegiado de enfrentamentos que, no âmbito institucional e político, trouxeram novos contornos e desdobramentos ao Brasil do século XX.

Nesse sentido, os códigos e as percepções redefinidos pela camaradagem, marcaram a maneira pela qual J. Guinsburg estabeleceu seus referenciais e expectativas. Ele foi alicerçando uma maneira abrangente de compreender as relações entre os indivíduos e os grupos sociais. Perante esses dados, é possível avaliar que essa vivência contribuiu para o desenvolvimento de uma ousadia intelectual que nunca se restringiu a limites e/ou áreas específicas.

Eu não gostava da rigidez da escola. Só queria estudar o que me interessava. As grades horárias me aborreciam: uma hora era aula de Matemática, no momento seguinte estávamos em uma aula de Português. Eu era um excelente aluno de História, mas não de Matemática. Havia lido, muito cedo, a *História Universal* de César Cantù. O mundo imaginário que as minhas leituras de menino haviam aberto se entrelaçara com o relato histórico, e as minhas inquietações com o poder de ação e transformação dos personagens da História. Fui aluno do Cesarino Júnior, um extraordinário professor que instilou o gosto pelo aprofundamento, pela pesquisa e discussão em História. Quando entrei no ginásio do Estado, eu realmente estava bem, entrei bem. [...] Depois desandei. Os professores eram muito autoritários e a minha cabeça estava em outro lugar. Além daquela revolta de adolescente, eu sonhava com outras coisas. O mundo me oprimia⁸.

Essa passagem diz muito acerca do temperamento e do talento de Guinsburg, pois o jovem, com interesses determinados, mesmo que não deliberadamente já antecipava as escolhas que marcaram, em definitivo, a sua vida futura. Nesse aspecto, como atestam suas próprias palavras, o desinteresse pela sala de aula, em absoluto, significou descaso com o conhecimento. Pelo contrário, cultivou suas leituras e indagações em torno da História, Literatura, Latim, Francês, além de as Artes em geral.

⁷ ID., pp. 45-47.

⁸ GUINSBURG, J. O rememorar de um ofício – um professor em devir. In: PATRIOTA, Rosângela; GUINSBURG, J. *A Cena em Aula: itinerários de um professor em devir*. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 513.

E por que essa insatisfação com a instituição educacional?

É claro que não existe uma única resposta ou, talvez, nem existam respostas, mas é pertinente observar as ponderações de Jacó Guinsburg sobre esses primeiros anos de sua vida:

A minha relação com o teatro vem de longe. Desde muito jovem senti fascínio pelo cinema e pelo teatro. Mais até pelo cinema. Porque só havia um dinheirinho para o cinema. Teatro nem falar, naquele tempo. Você sabe, minha família é de imigrantes e eu mesmo sou imigrante. A nossa situação econômica era como a da maioria dos imigrantes que veio para cá. Um pouco depois da revolução de 1924 nós fomos para Santos e em 1930 viemos para São Paulo. Quando eu vim para o Brasil eu tinha 3 anos, e para São Paulo, quase 10. Aqui eu cursei o grupo escolar. Meu pai, embora respeitasse, não era um praticante ortodoxo da religião judaica, muito ao contrário, mas eu tive uma iniciação de caráter religioso. Meu pai participou da Primeira Guerra Mundial, ele foi soldado russo e foi prisioneiro de guerra. Era um bom contador de histórias. Elas são histórias muito interessantes e eu tenho um projeto para publicá-las um dia.

A minha educação foi feita na rua, apesar do cuidado dos meus pais. Você sabe o elemento estudo, eu não diria cultura, é básico da tradição judaica. Pois para se ter uma iniciação religiosa, o judeu tem de ser alfabetizado. Então todo judeu já era alfabetizado desde a Antiguidade. Quando você é admitido na "iniciação", você tem que fazer a leitura do texto. Fora isso, há toda uma cultura ligada à religião. O judaísmo não é apenas uma religião, há todo um processo histórico e cultural de natureza laica, mas ligado à religião. E isso determina a necessidade de alfabetização, pelo menos em hebraico. O que naturalmente implicava a alfabetização em outras línguas. Tanto é que um dos dialetos judeus, e que veio a se transformar em língua, o ídiche, era uma língua escrita desde o início. Ele era grafado com caracteres hebraicos. O ídiche que os judeus da Europa Oriental e Central falavam era um dialeto derivado do alemão, nasceu nas margens do Reno. Inicialmente era um patois e depois começou a adquirir características que o tornaram uma língua, por suas especificidades estruturais⁹.

Esse depoimento elucida aspectos importantes da primeira formação de J. Guinsburg, como também aponta alguns elementos que ajudam a responder a interrogação que foi feita acerca de sua incompatibilidade com escola, porque nele estão articulados dados fundamentais que propiciaram o amálgama que formou o intelectual e o editor.

São eles: a condição de imigrante judeu e o valor atribuído à cultura como formadora do indivíduo e do cidadão. Apesar de seus pais valorizarem a educação formal, os estímulos trazidos pela cultura como uma forma de conhecer, de vivenciar, enfim, de *estar* no mundo, permitiu uma percepção com *olhos livres* que, em última instância, implicou em se conhecer e se reconhecer naquela nova sociedade.

As possibilidades suscitadas pelo inusitado e pelas diversas formas de conhecer, provavelmente, fizeram com que os limites e os direcionamentos estabelecidos pelo conteúdo definido pelo programa curricular se mostrassem restritivos e insuficientes às expectativas de Guinsburg. Acrescente-se a isso o seu convívio com o Círculo

⁹ SILVA, Soraia Maria. Jacó Guinsburg em re-presentação: entrevista realizada com o editor e crítico teatral Jacó Guinsburg em 16 de fevereiro de 2007, na Editora Perspectiva (SP). *VIS. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte na UnB*. Brasília: DF, 2006, v. 5, n. 2, p. 9.

Israelita e com militantes do PCB, que alargaram o seu ambiente intelectual.

Para mim, o que interessa lembrar é o ápice dos judeus no Bom Retiro: começando nos anos 20, 30, com pique em meados dos anos 40 até início dos anos 50. Havia jornais fortes, como *Nossa Voz* (comunista) e *Novo Momento* (sionista), assim como revistas e livros. Existia um jornal em idiche, o *São Paulo Yiddish Zeitung* e escolas como *Talmud Torah*, *Scholem Aleichem* e a *Renascença*, de seu Wainer, inicialmente na esquina da Salvador Leme com a Tiradentes, e depois na Prates. Havia, é claro, o clube dos trotskistas (na José Paulino), e também o Yugent Club (na Ribeiro de Lima com Silva Pinto). A vida cultural era muito ativa: o Yugent Club tinha biblioteca, onde li Rosa Luxemburgo e outros livros da editora polonesa *Groschen Bibliotek*, além de grupo teatral e coral. O Bom Retiro militava até fora do bairro. No Yugent Club, houve a primeira exposição de quadrinhos do mundo, em 1951, organizada pelo Álvaro de Moya e companheiros. A vida cultural brasileira era bastante forte. Sinto muitas saudades daquela época¹⁰.

De acordo com o próprio Jacó, esse período de grande indefinição profissional e intelectual permitiu a ele traçar caminhos diferenciados e aprofundar ainda mais o seu interesse pelo debate cultural e político.

É evidente que essa escolha o colocou em confronto com os pais que desejavam ver o filho formado e encaminhado dentro das regras da boa educação ministrada pelas escolas, hoje de ensino fundamental, médio e pela universidade.

Como Guinsburg preferiu desconsiderar o caminho que para ele fora traçado, não lhe restou alternativa, a não ser ingressar no mercado de trabalho. E assim foi feito:

Eu fiz de tudo! Fui aluno do Liceu de Artes e Ofícios, aprendiz de mecânico. Trabalhei como tecelão. Acordava às quatro horas da manhã para pegar um bonde no Largo São Bento que me levava para o bairro do Belém, onde ficava a fábrica. Eu também estudava tecelagem, havia um curso técnico e era uma profissão promissora. Eu tinha um primo que veio da Hungria naquele tempo, 1938, 1939, que depois se tornou industrial e ficou muito bem de vida, mas eu não aguentei, não era a minha. Fui para o Rio de Janeiro. Lá vivi na rua do Catete, trabalhei como balconista em uma loja de couros. Fui ainda representante comercial e por aí afora. Depois eu fiz uma editora¹¹.

Chega-se, agora, a um dos momentos fundamentais da vida de J. Guinsburg: o encontro definitivo com os livros. Todavia, é importante frisar que esse instante foi o da descoberta do editor e do livro como artefato que dá forma às ideias, mesmo porque o perfil crítico, o hábito da leitura e o desejo de conhecer sempre foram inerentes à figura de Guinsburg, desde a mais tenra infância.

A sua primeira experiência no mundo editorial foi com a editora Rampa juntamente com Edgar Ortiz e Carlos Ortiz. Esse empreendimento teve vida breve, mas nele foram publicados quatro livros: *Antologia Judaica*, *Joias do Conto Ídiche*, *Contos de I.L. Peretz* e *A Mãe* de Scholem Asch.

¹⁰ GUINSBURG, J. Bom Retiro dos anos 30. Op. cit., p. 47.

¹¹ GUINSBURG, J. O rememorar de um ofício – um professor em devir. Op. cit., p. 513.

A multifacetada trajetória de Jacó Guinsburg, com inúmeras nuances e caminhos a percorrer, permite explorar opções distintas e, com isso, construir narrativas diferenciadas. Por esse motivo, não serão discutidas as suas atividades jornalísticas – em periódicos como *Crônica Israelita*, *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo* e na revista *Brasil-Israel* –, mas elas serão articuladas aos demais trabalhos.

Essa menção se faz necessária porque esse período, ao lado de vasta produção em termos de crítica de arte, guarda o encontro com um de seus mais importantes interlocutores, Anatol Rosenfeld, que ocorreu quando este último fora assistir a uma conferência de Guinsburg sobre o *ídiche*.

Encerrada a apresentação, Rosenfeld apresentou-se e ambos iniciaram um diálogo que durou por mais de vinte anos e encerrou-se somente com o falecimento do filósofo alemão em 1973.

Na hora do debate, ele começou a fazer perguntas que eram, digamos, bastante pertinentes, mas ardidias. Eu as respondi como pude. Encerrada a atividade, saímos – eu já trabalhava na revista *Brasil – Israel* – e começamos a conversar. [...] Eu e Anatol fizemos o mesmo trajeto e a nossa conversa começou nesse percurso. Foi então que o convidei para vir à minha casa e daí nasceu uma relação e um diálogo, meu e de Gita com ele, que durou quase vinte anos. Logo depois, comecei a trabalhar na Difusão Europeia do Livro [DIFEL]. Já tinha fechado a Rampa, e para liquidá-lo vendi livros de porta em porta. Mas não havia perdido o interesse pelo trabalho editorial. Tanto assim que formei a primeira *Perspectiva* com um amigo e publicamos aí a minha tradução de *O Dibuk* de Sch. An-Ski. Foi nesta conjuntura que nossa relação se estreitou e, desde logo, a sua cultura e qualidade intelectual deram-me a ideia de organizar um encontro regular em que Anatol exporia seus conhecimentos de filosofia. A proposta agradou a um grupo de amigos e assim iniciou-se o seminário¹².

Nesse momento, Guinsburg começou a desenvolver, de forma mais sistemática, diálogos com intelectuais que o colocaram em sintonia com as questões candentes da época.

A atuação junto à DIFEL possibilitou-lhe o mergulho no mundo editorial e o contato com importantes pensadores como Sérgio Buarque de Hollanda, Sérgio Milliet, Ricardo Ramos, Jean-Paul Sartre (aliás, Guinsburg foi o responsável pela tradução brasileira dos livros *A Questão Judaica* e *As Palavras*), Florestan Fernandes, entre tantos outros que foram editados pela Difusão Europeia do Livro.

Por sua vez, quando da criação do *Suplemento Literário* (*O Estado de S. Paulo*), por Décio de Almeida Prado, Anatol Rosenfeld, que fora convidado para escrever sobre literatura judaica, declinou do convite, porque seu interesse era literatura germânica, e indicou Jacó para assumir o seu lugar.

Anatol indicou meu nome para, em seu lugar, responder pela literatura judaica do *Suplemento*. Sob esta chancela publiquei uma sucessão de artigos sobre escritores e temas das letras hebraicas e ídiches. Mas também uma série de quatro artigos sobre o Teatro Habima. Talvez esse trabalho assinalasse de maneira específica meu ingresso na área dos estudos teatrais. Na ocasião eu já era leitor

¹² ID., p. 515.

dos artigos de Décio de Almeida Prado¹³.

A entrada de Guinsburg no universo do *Suplemento Literário*, como ele próprio declarou, o aproximou do teatro. Mas, a incursão pelo Habima e pelo teatro judaico abriu uma seara na qual Jacó tornou-se pioneiro no Brasil porque, a partir de estudos sistemáticos, que se fizeram necessários, acerca da cena teatral russa do final do século XIX e início do XX, ele se tornou um dos maiores especialistas na obra de Stanislavski, de Meyerhold, de Tairov, de Evreinov, entre outros.

A exposição feita, até agora, de momentos fundamentais da trajetória de Jacó Guinsburg revela que o protagonista desta narrativa era um jovem arguto, inteligente e disponível para conhecer e abrir novos horizontes de expectativas. Foi com esse espírito que ele foi um garoto das troças do Bom Retiro, um estudante que não se deixou limitar pelas normas e pela dinâmica das instituições educacionais, um trabalhador e alguém que foi aprofundando o seu interesse intelectual nas bibliotecas, nas discussões políticas e no mundo dos livros.

Nesse percurso, encontrou pessoas, fossem eles integrantes da comunidade judaica, fosse o professor de História, Cesarino Júnior, fossem os colegas de discussões políticas, fossem os seus companheiros da editora Rampa, Carlos Ortiz e Edgar Ortiz, fosse o filósofo Anatol Rosenfeld, fosse o crítico Décio de Almeida Prado. Cada um, a seu modo, suscitou naquele jovem interesses e expectativas que adquiriram novos dimensionamentos com o seu ingresso na atividade docente, especificamente na Escola de Arte Dramática.

Em função de minha colaboração no *Suplemento*, vim a conhecer Sábato Magaldi na redação de *O Estado de S. Paulo*, quando ele assumiu a direção do *Suplemento*, substituindo Décio de Almeida Prado que havia ido para os Estados Unidos. Desde o início, eu e Sábato travamos uma amizade que perdura até hoje. Em nossas conversas deve lhe ter transparecido meu crescente interesse pelo teatro, pois, quando Décio se afastou das aulas de crítica teatral da EAD, ele e Anatol Rosenfeld me indicaram para preencher a vaga. Veja, não foi Alfredo Mesquita quem me convidou, eles o convenceram a me convidar¹⁴.

Depreende-se da fala acima, de que forma o seu leque de sociabilidade foi ampliado, assim como os seus interesses, no exercício da crítica. Em decorrência disso, novos espaços foram conquistados.

Quando a EAD foi incorporada à Escola de Comunicações e Artes da USP, Jacó passou a integrar o corpo docente do curso de Artes Cênicas, saiu da cadeira de Crítica Teatral e migrou para a área de Estética. Após a obtenção do título de doutor, ingressou, como docente, no programa de pós-graduação, onde formou e ainda forma mestres e doutores, pois, mesmo aposentado compulsoriamente, aos 70 anos de idade, Guinsburg continua integrado aos cursos de mestrado e de doutorado.

Sob diferentes registros, existem inúmeros depoimentos acerca do professor Jacó Guinsburg. Porém, dada a diversidade, escolher o melhor e o mais bem acabado seria uma tarefa inglória. Por esse motivo, será reproduzido um trecho de

¹³ ID., p. 516.

¹⁴ ID., p. 519.

um deles, a título de ilustração:

Ensinávamos tudo o que sabíamos ao Jacó. E ele aprendia – como depois aprendemos a aprender com ele. E que belo aluno era aquele professor! Atento, curioso, respeitoso, arguto, pertinente, questionador. Naquela mesa de tantas vozes e tantos professores, talvez fosse ele o único aluno de verdade. E com este grande aluno aprendíamos, numa graciosa e elegante relação eu-tu, que justamente essa experiência buberiana, urdida na paixão e na linguagem, o que nos tornava teatrantes. Sim claro, foi fundamental o modo abissal que toreamos o Romantismo, por exemplo. Mas o que trago de mais caro desses preciosos momentos, quando me sento (ou me levanto) para o ato da dramaturgia, escrita ou sonhada, é o amor ao face a face. Se me fosse dada a felicidade de poder definir o teatro que busco essa seria sua pedra de toque – e as faíscas me deram o fogo, foi o professor Jacó quem as provocou, por fricção.

Falei em alquimia e volto ao assunto. Porque os encontros descritos aqui tinham algo de transformação dos elementos – ou ainda a criação de um novo elemento! Tantas vezes vi realizar-se à minha frente o milagre borgiano do homem que assegura a paz do mundo quando tem prazer em descobrir a inesperada etimologia de uma palavra... Com que prazer acompanhávamos o circunvoluir de um raciocínio genealógico a partir de uma insuspeita palavra suspeita, caçada como se fosse ao acaso pelo Jacó. Numa crescente e doce tensão, da qual não tínhamos pressa alguma em escapar¹⁵.

O papel de J. Guinsburg como professor e pesquisador¹⁶ é de grande importância, na medida em que ele sempre foi um docente capaz de estimular os seus alunos a se questionarem e a investigarem. O resultado desse processo, na maioria das vezes, sempre foi a proposta de um tema a ser estudado seja em nível de pesquisa acadêmica seja no âmbito da criação artística. Guardadas as devidas proporções, ele possui as qualidades de um xamã, pois, ao mesmo tempo em que faz com que as atenções se voltem para o que diz, ele é capaz de suscitar, naqueles que o ouvem, a busca de suas motivações e inquietudes.

Diante do que está sendo dito, torna-se quase redundante destacar que, em particular, na cena teatral contemporânea da cidade de São Paulo e, em termos mais abrangentes, nas pesquisas desenvolvidas em universidades brasileiras exista, em algum nível, a presença xamânica de J. Guinsburg.

¹⁵ BRASIL, Bosco. Sobre as escolas, as aulas e um professor. In: PATRIOTA, Rosângela; GUINSBURG, J. *A Cena em Aula: itinerários de um professor em devir*. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 454.

¹⁶ A título de ilustração, mencionaremos alguns títulos publicados por J. Guinsburg como autor e como organizador: GUINSBURG, J. *Stanislávski e o Teatro de Arte de Moscou*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010; ID., *Stanislávski, Meierhold e Cia*. São Paulo: Perspectiva, 2008; ID., *Da Cena em Cena: ensaios de teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2007; ID., *Aventuras de uma Língua Errante: Ensaios de Literatura e Teatro Ídiche*. São Paulo: Perspectiva, 1996; ID., *Leone de' Sommi: Um Judeu no Teatro da Renascença Italiana*. São Paulo: Perspectiva, 1989; ID. & PATRIOTA, Rosângela. *Teatro Brasileiro: ideias de uma história*. São Paulo: Perspectiva, 2012; ID. & FERNANDES, Sílvia. *Pós-Dramático: um conceito operativo?* São Paulo: Perspectiva, 2010; ID. org.). *O Romantismo*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011; ID. & BARBOSA, Ana Mae. *O Pós-Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008; ID., *Pirandello: do teatro no teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2009; ID., FARIA, João Roberto; LIMA, Mariângela Alves de. *Dicionário do Teatro Brasileiro: Temas, Formas e Conceitos*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Nesse sentido, não bastasse a grande contribuição do trabalho de Guinsburg para a docência e para a pesquisa, ele é um dos mais importantes tradutores e editores do Brasil. No que se refere à tradução, ele foi responsável por verter para língua portuguesa trabalhos de Descartes, Diderot, Antonin Artaud, Strindberg, Luigi Pirandello, Umberto Eco, Martin Buber, ao lado de inúmeras obras da língua e da literatura judaica como as de Leone de' Sommi, Scholem Aleikhem, Scholem Asch, Sch. I. Agnon, I. L. Peretz, entre outros. Em relação à produção editorial, como mencionado em passagens anteriores, esse interesse, que já se manifestara anteriormente, por meio da editora Rampa e depois na Difusão Europeia do Livro, floresceu de maneira irrevogável com a criação da editora Perspectiva¹⁷, inegavelmente, uma das mais importantes do país.

A Perspectiva tem uma história especial: ela surgiu ligada a um certo grupo. Depois que sai da Difel, uns amigos meus “inventaram” que eu devia ser editor. Nós nos reunimos num grupo ao qual eu estava ligado por afinidades culturais, literárias etc. Neste grupo estavam Anatol Rosenfeld, Haroldo de Campos, Boris Schnaiderman, Sábato Magaldi e outros amigos. Achei a ideia interessante. Estava precisando de emprego, não era professor universitário, ainda. Naquela época, era apenas professor da Escola de Arte Dramática. Foi aí que, com um aluno meu da EAD – Moisés Baumstein –, comecei a pensar, para variar, fazer uma editora. “Ah! Vamos abrir uma editora!” Novamente aquele negócio. Mas aí já foi diferente. A maneira como fiz a primeira editora e como fiz esta última foi diferente, pois já havia uma prática do que significava isto. Os meios que tínhamos e as forças para o trabalho não eram suficientes naquele momento. Então embarcamos numa outra aventura, também novamente ligada com o campo judaico. Fiz uma coleção em treze volumes, que vendíamos antecipadamente, a coleção toda, para pagamentos em prestações e para entrega futura (o que é uma loucura, uma loucura comercial). Apesar de eu ser mais velho, nessa época, de já ter passado dos quarenta, não tinha tomado juízo, ainda... Começamos a publicar a Judaica a partir de 1966 e fomos terminá-la em 1970/1971. Esta coleção exigiu de minha parte não só o trabalho da produção editorial, mas o trabalho intelectual – de tradução, de planejamento, de escrever introduções, prefácios, enfim, todo esse conjunto. Agora, num primeiro momento, nós tivemos sucesso. Vendemos cerca de mil coleções. Para entrega futura. Isto era pago mensalmente e com este dinheiro editávamos o que vinha pela frente. Acontece que, naquela época, a Editora Tradição, formada pela Kogan da Guanabara lançou uma coleção – de conhecimentos judaicos, de formato grande,

¹⁷ No que se refere à Editora Perspectiva, é importante registrar que no de 2013 ela lançou a sua milésima publicação *Coisas e Anjos de Rilke*, de Haroldo de Campos. Sobre este importante acontecimento para a cultura brasileira, o jornalista Paulo Werneck assim se manifestou: “Um jovem editor arrecada dinheiro para lançar uma série de livros. Vende mil coleções antes de imprimi-las e funda uma editora decisiva na cultura brasileira. Crowdfunding, uma vaquinha na internet? Cooperativismo editorial? Seria isso, se a história não tivesse começado em 1965, quando Jacó Guinsburg, paulistano nascido na Bessarábia em 1921, lançou a coleção Judaica, o marco zero da editora Perspectiva, que fez a cabeça de fornadas inteiras de universitários brasileiros. [...] Em plena ditadura, um grupo de intelectuais reunidos em torno de Jacó e sua mulher, Guita, realizou a proeza de renovar a bibliografia das ciências humanas, lançando modas intelectuais como a semiótica e um novo jeito de fazer livros no Brasil. [WERNECK, Paulo. Chega às livrarias milésimo título da editora Perspectiva, que segue focada na vanguarda. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15/06/2012. [Acesso em: 28/06/2013]. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/06/1295462-chega-as-livrarias-milesimo-titulo-da-editora-perspectiva-que-segue-focada-na-vanguarda.shtml>>].

tamanho Larousse, toda ilustrada, uma beleza. E nos deu, assim, uma “cacetada” na cabeça para não levantar mais! Porque o mercado era restrito e nós não havíamos conseguido explorá-lo imediatamente, pois isto dependia de um aparelho de venda que não dispúnhamos, com essa amplitude. E eles fizeram a coleção, imprimiram, terminaram. Jogaram tudo na venda e liquidaram, em seis meses, a nós e à coleção que eles tinham para vender. Com isto, ou eu fechava a editora ou passava para a fase seguinte.

Como sempre, meu impulso num primeiro momento é ter medo, depois é tocar pra frente. Primeiro breco o carro, depois jogo com força em cima do que está na frente. Foi o que fiz¹⁸.

Não há dúvidas, o golpe fora grande. Contudo, quem acompanhou e/ou acompanha a trajetória de J. Guinsburg sabe que o gosto pelo desafio, pelo prazer de fazer as coisas acontecerem é inerente a ele, isto é, acusar o golpe, sentir-se fragilizado para, no momento seguinte, olhar em frente e discutir alternativas e, nesse episódio, não foi diferente porque, refeito do golpe e estimulado por seus amigos:

[...] Foi nesse momento, em 1968, que lançamos a Coleção Debates, que começou com cinco títulos: *Personagem de Ficção*, *Informação*, *Linguagem*, *Comunicação*, *Obra Aberta*, *Balanço da Bossa e outras Bossas* e *Sexo e Temperamento*. Isto foi um pouco antes do Golpe de 68.

Embora a Coleção Debates tivesse surgido de uma circunstância difícil, ela estava planejada desde o início. Eu já tinha uma seleção de títulos e incorporamos também a bibliografia deste grupo de que lhes falei e que constituiu o primeiro Conselho Editorial.

O primeiro livro que lançamos foi do Antonio Candido, do Anatol Rosenfeld, do Décio de Almeida Prado, do Paulo Emílio Salles Gomes – inclusive para marcar uma posição. [...] Foi escolhido “a dedo”.

Nosso objetivo era dar espaço à literatura ensaística, à temática de ponta. [...]. Nós nunca tivemos posição de grupo ou posição ideológica marcada. Nosso objetivo sempre foi editar as coisas mais opostas dentro de uma mesma coleção, desde que tivessem qualidade. Esta coleção foi o ponto central nas edições da Perspectiva e o seu conselho editorial foi fundamental. A sua elaboração constitui um dos momentos mais efervescentes, mais vivos, da editora. A editora não foi apenas pensada como empresa, mas também como projeto cultural. Teve algumas características, que ainda mantém, para atender a este aspecto¹⁹.

Esse depoimento é uma excelente síntese do lugar capital que J. Guinsburg ocupa na cultura brasileira contemporânea, principalmente pela qualidade de gerar e manter um projeto editorial a partir de ideias e de debate intelectual. Entretanto, como foi demonstrado, antes que ela adquirisse o perfil que a tornou conhecida e reconhecida, vários caminhos foram percorridos, diferentes propostas foram gestadas, até que se chegasse à ousadia que, sem sombra de dúvidas, para além da qualidade editorial dos títulos, é a grande marca da Editora Perspectiva e inegavelmente de seu editor.

O impacto de suas publicações na formação dos estudantes da área de Ciências Humanas atesta e fundamenta a ideia defendida neste artigo: a trajetória

¹⁸ AMORIM, Sônia Maria de & TREMEL, Vera Helena F. *J. Guinsburg*. São Paulo: COM-ARTE, 1989 (Editando o Editor; v. 1), pp. 45-46-47-48.

¹⁹ ID., pp. 48-49.

intelectual e editorial de J. Guinsburg é imprescindível para que se compreendam aspectos da cultura brasileira a partir da segunda metade do século XX.

Jacó Guinsburg é o protótipo do editor, em que o projeto é um rumo constante e firme, alguém que detém, como poucos, o conhecimento de produção de livros e o encaixe desta produção na Cultura Brasileira. Também porque a Editora Perspectiva é uma olhada crítica sobre o presente, um fluxo de uma abertura permanente para novos textos, movimentos, trabalhos em curso²⁰.

Embora a opção adotada nesse texto tenha sido por uma narrativa de caráter abrangente, os fragmentos e os relatos, aqui apresentados, auxiliam a evidenciar que se está diante de um editor e intelectual que é, antes de tudo, amante dos livros, da cultura e, em particular, do teatro.

Jacó, ao longo de sua existência, sempre soube, em suas intervenções, destacar qualidades nos temas pesquisados, nos autores e nos textos. Talvez seja esse o segredo, resultante de suas experiências diversificadas, que se descortina em suas investigações, em sua atuação como editor e em seu trabalho formativo de novos artistas e/ou pesquisadores.

Guinsburg constrói movimentos de articulação entre passado/presente, com vistas a demonstrar que o conhecimento e o repertório artístico e intelectual não é algo que se adquire a partir do exercício da crítica e da capacidade de problematizar o seu próprio tempo.

Ele é um homem de cultura e, inegavelmente, o panorama científico e cultural brasileiro não teria as dimensões que possui sem a sua presença, suas reflexões e seu grande projeto intelectual que é a Editora Perspectiva. Por esse motivo,

para tornar interessante uma tentativa de reconstituição da biografia é indispensável ampliar tanto quanto possível em torno dele o número de pessoas e de movimentos com os quais ele entrou em contato, reconstituir em torno dele o seu meio, multiplicar os exemplos de outras vidas que tenham algum paralelo com a sua, fazer reviver em torno dele outras pessoas jovens. Essa utilização da biografia repousa sobre uma hipótese implícita que pode ser assim formulada: qualquer que seja a sua originalidade através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica²¹.

As palavras de Giovanni Levi, ao mesmo tempo em que apontam algumas advertências, revelam o impacto que uma biografia pode ter para determinados momentos históricos. De acordo com essas ponderações, é possível entrever que, em termos históricos, a biografia de J. Guinsburg é lapidar, na medida em que em sua infância e juventude viveu como participante e como observador de transformações significativas da sociedade brasileira e, em especial, da paulistana. O encontro com as bibliotecas com os livros e com a militância política de esquerda trouxe a ele um alargamento de horizontes. Experimentou distintos espaços de

²⁰ FERREIRA, Jerusa Pires. Editando o Editor. In: AMORIM, Sônia Maria de & TREMEL, Vera Helena F. *J. Guinsburg*. Op. cit., p. 12.

²¹ LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da História Oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 176.

trabalho até o encontro com o jornalismo, com Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado, Sábato Magaldi, Antonio Candido, Haroldo de Campos, entre inúmeros outros nomes, que o colocaram em um debate intelectual que redefiniu a cena cultural de São Paulo e mais à frente do Brasil.

Nesse caldeirão de cultura, coube a Guinsburg o diálogo com as vanguardas estéticas do início do século XX. Através de suas investigações atinentes ao teatro judaico mergulhou nos diversos caminhos criativos do teatro russo. Acompanhou *pari passu* o impacto dessas realizações no cenário teatral internacional, bem como a maneira pela qual foi sendo introduzido no Brasil. Aliás, é sempre importante recordar: ele foi um dos responsáveis por esse processo, assim como propiciou instigantes diálogos acerca do fenômeno teatral e de sua materialidade entre nós.

Tal afirmação, longe de ser pretensiosa, expressa o papel de J. Guinsburg para o cenário cultural deste país como um homem de ideias. Ele é fruto dos caminhos que percorreu, da convivência que estabeleceu com seus amigos e seus interlocutores, das respostas que elaborou para os desafios de seu tempo, ou, em suas próprias palavras:

O que é que se pode dizer de uma geração que, na década de quarenta tinha vinte anos? Naquele momento, estava vendo um mundo que nascia da guerra, um mundo que certamente seria diferente; por razões políticas e sociais, a que se estava assistindo, e que se sabia perfeitamente, iria exercer um efeito profundo na vida brasileira. Então, as ligações que estes jovens tinham eram de ordem principalmente política: havia um grande número deles que se lançavam na militância política, procurando justamente estar dentro dessas transformações, ou tentando promovê-las; e, também, tendo uma visão de uma renovação de ordem estrutural e cultural no Brasil. Essa renovação surgia em muitas manifestações: na criação literária, no ensaio, etc. E a ideia era a criação de uma cultura democrática, de uma cultura ampla, de massa. E, mais ou menos, todo mundo que se dedicava a isto tinha este horizonte, claro que com tendências ou com engajamentos políticos e ideológicos diferentes, mas o horizonte era mais ou menos este.

Portanto, o espírito da cultura brasileira começava a se atualizar e absorver todos esses elementos, e foi no meio dessa efervescência que as pessoas da minha geração começaram suas atividades²².

Como inúmeras pessoas de sua geração, J. Guinsburg é um homem que mantém um horizonte utópico e, em vista disso, alguém que está em permanente efervescência que, tal qual uma árvore frondosa, possui raízes bem firmes à terra, mas seus galhos se movimentam em compasso com a brisa, com o vento e com as ventanias.

²² AMORIM, Sônia Maria de & TREMEL, Vera Helena F. J. *Guinsburg*. Op. cit., pp. 38-39.